

## CAPÍTULO 1

# **APRESENTAÇÃO**

---

Quando ingressamos no Mestrado do Programa EICOS — Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tínhamos em mente um tema diferente do que apresentamos no presente trabalho. Julgamos importante apresentar este percurso pessoal para situar o leitor nos desdobramentos de nossas reflexões.

Motivava-nos, inicialmente, um estudo sobre um fenômeno social identificável na atualidade envolvendo profissionais da área de saúde mental e suas escolhas profissionais após concluídas suas formações acadêmicas básicas. Observávamos que muitos profissionais dessa área haviam optado por práticas que englobavam conceitos muito diferentes daqueles constantes das escolas tradicionais em que se baseavam as estruturas curriculares dos cursos de graduação pelos quais haviam passado. Muitos passaram a utilizar práticas conhecidas como *alternativas* que integravam conceitos de diversas fontes de saber — filosofias orientais, práticas religiosas etc. — nem sempre reconhecidos pelos meios acadêmicos ou pelos órgãos de regulamentação do exercício das profissões da área.

Nosso interesse, àquela época, era o de procurar entender as razões que levavam tais profissionais a promover uma mudança radical na sua atividade prático-teórica profissional, rompendo com o paradigma tradicional na qual assentavam sua base de conhecimento. Uma proposta interdisciplinar como a Psicossociologia parecia oferecer o instrumental de análise ideal para um tema abrangente como esse, já que o estudo dos fatores puramente sociológicos ou psicológicos nos afastaria de uma coerência que o tema exigia.

Em resumo, a questão era: O que leva um profissional formado em uma estrutura conceitual tradicional, aceita e valorizada socialmente, que tem respaldo da comunidade científica e com o seu exercício regulamentado formalmente, a optar

---

por uma prática dita *alternativa*, ou seja, a uma mudança de orientação prático-teórica?

A partir daí, poderíamos ter seguido alguns caminhos bastante instigantes para nossa proposta de pesquisa. Primeiramente poderíamos buscar uma abordagem epistemológica, relacionando o fenômeno estudado a uma mudança de paradigma, na visão de Khun (1987), através de uma ruptura da estrutura vigente em direção a um novo modelo. Como alternativa a esse percurso, poderíamos optar por uma pesquisa que privilegiasse os fatores psicossociais envolvidos na mudança de escolha profissional, procurando focar o processo de escolha individual, recorrendo a conceitos psicossociológicos para o entendimento da formação e dinâmica da sociedade contemporânea.

No entanto, ao iniciarmos o aprofundamento de nosso estudo pudemos perceber que por trás de nossa questão revelava-se outra que, mesmo parecendo mais ampla e abrangente, oferecia material de reflexão mais instigante e desafiador. Observamos que havia uma característica comum a esses profissionais: estavam buscando novas formas de entendimento dos conceitos de mundo, de vida, de saúde, de homem e de mente que pudessem ampliar suas possibilidades e recursos no trato com a dor e o sofrimento humanos. Pareceu-nos extremamente oportuno, estudar sistematicamente, e de forma criteriosa, quais eram essas fontes de saber e que tipo de colaboração efetiva elas poderiam oferecer às abordagens tradicionais do conhecimento ocidental.

Nossa impressão inicial, a partir de contatos ensejados pela prática clínica e profissional, dava conta de um ponto comum aos profissionais especificados: todos partiam de uma espécie de insatisfação com os recursos de que dispunham em suas formações de origem. Além disso, todos sinalizavam a crise enfrentada pela sociedade contemporânea como fator desencadeante de uma postura mais flexível em

---

relação ao paradigma científico tradicional. **Nosso objetivo passou a ser, então, elaborar um estudo teórico que partisse dos principais componentes da crise da sociedade contemporânea identificando as possibilidades de sua compreensão dentro de uma abordagem Psicossociológica e, a partir daí, e coerentemente com as mais recentes propostas de integração de saberes na busca da superação de desafios do pensamento e conhecimento humanos, propor um “diálogo” transdisciplinar com a Psicologia Transpessoal procurando identificar possíveis contribuições para a compreensão da crise da sociedade contemporânea.**

Iniciaremos com uma caracterização da crise da sociedade contemporânea ocidental no Capítulo 2. A partir daí, apresentaremos, no Capítulo 3, os mecanismos desenvolvidos pela ciência diante dos impasses metodológicos e conceituais para lidar com a complexidade dos problemas humanos e sociais, ressaltando a proposta interdisciplinar, em geral, e a abordagem psicossociológica, em particular. Dentro dessa abordagem, trataremos do recorte teórico do indivíduo e do individualismo, buscando elos de ligação com a crise da sociedade contemporânea, que será o conteúdo do Capítulo 4.

O Capítulo 5 procura refletir as questões da transdisciplinaridade envolvendo a Psicologia Transpessoal. No próximo capítulo — Capítulo 6 — introduziremos a Psicologia Transpessoal e seus principais pressupostos visando identificar possíveis contribuições, através de uma ampliação da noção de indivíduo. No Capítulo 7 abordamos a crise da sociedade ocidental a partir do referencial da Psicologia e Movimento Transpessoais. Finalmente, no Capítulo 8, promovemos um “diálogo” transdisciplinar buscando discutir e refletir sobre os diversos pontos levantados ao longo do trabalho, procurando evidenciar as contribuições que essa prática transdisciplinar pode oferecer na compreensão da crise da sociedade contemporânea ocidental.

## CAPÍTULO 2

### **UMA SOCIEDADE EM CRISE**

*“Assim não se poderia destacar um problema número um, que subordinaria todos os demais; não há um único problema vital, mas vários problemas vitais, e é essa inter-solidariedade complexa dos problemas, antagonismos, crises, processo descontrolado, crise geral do planeta, que constitui o problema vital número um.”*

*(EDGAR MORIN)*